

# ASCETISMO E RELIGIÃO: PENSAR O HOMEM DO FUTURO COM NIETZSCHE E FEUERBACH

LUÍS GUILHERME STENDER MACHADO<sup>1</sup>

**Resumo:** O que é religião? Qual o seu funcionamento e o que está por trás da vontade humana pelo transcendental religioso? Em que perspectiva a religião influencia a moral e o entendimento que o homem tem de si mesmo? Vemos uma grande atenção dedicada a esses questionamentos nos escritos dos filósofos alemães Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Ludwig Feuerbach (1804-1872). O que se nota, é que ambos os autores tinham uma preocupação em desmistificar a religião com o intuito de esclarecê-la ao homem, tornando-o mais consciente de si mesmo. Por um lado, temos Nietzsche, que através de sua genealogia, mostrará como a moral está condicionada ao ideal ascético religioso e como esse ideal resultará na negação da própria humanidade. Por outro, Feuerbach nos mostra uma identidade homem-deus e como a religião deturpa e inverte essa noção, tornando deus um criador ao invés de uma criação do

---

<sup>1</sup> Graduado em filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Orientação: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas (CAPES-UFC). E-mail: lg.01@hotmail.com

intelecto humano. Os dois filósofos concordam em dizer o quanto a religião é nociva, a partir do momento em que rebaixa e nega o que há de mais humano e natural em nós. Vemos ainda, que ambos traçam alguns pensamentos acerca de uma filosofia do futuro, com uma proposta no sentido de esta ser mais voltada à questão humana, despojando-se de pensamentos metafísicos. Nosso trabalho se dá, portanto, no cruzamento dos pensamentos de Nietzsche e Feuerbach, procurando traçar uma defesa da humanidade a partir da crítica a religião; ao mesmo tempo em que entendemos o novo projeto de filosofia, destinada ao homem do futuro.

**Palavras-chave:** Homem, Religião, Filosofia.

**Abstract:** What is religion? What its operation and what is behind the human will by the religious transcendental? In which perspective religion influences the moral and the understanding that men has of themselves? We can see a great deal of attention devoted to these questions in the writings of German philosophers Friedrich Nietzsche (1844-1900) and Ludwig Feuerbach (1804-1872). What is noticed is that both authors had a concern in demystifying religion in order to clarify it to man, making him more aware of yourself. On the one hand, we have Nietzsche, who through his genealogy, show how the moral ideal is subject to religious and ascetic ideal as this will result in the denial of humanity itself. On the other, Feuerbach shows us a Man-God identity and how religion misrepresents and reverses this notion, making God a creator rather than a creation of the human intellect. The two philosophers agree in saying how much religion is harmful, from the moment that demeans and denies what is most human and natural on us. We see also that both draw some thoughts about a philosophy of the future, with a proposal to this be more focused on human issue, stripping is metaphysical thoughts. Our work takes place, however, at the intersection of the thoughts of Nietzsche and Feuerbach, seeking to draw a defense of the humanity from the criticism of religion; while we understand the new design philosophy, for the man of the future.

**Key-Words:** Men; Religion; Philosophy of the future

## 1. Introdução

O homem, dito como o único ser de racionalidade, o único que sempre busca o dominar todos os seres e o mundo, que sempre está insatisfeito com o próprio futuro e, por isso, está sempre intencionado a tomar as rédeas da vida; que consegue abstrair-se e perceber-se como parte de um todo, de um gênero; que se organiza em sociedades complexas, constrói regras, leis e valores morais. Apesar disso tudo, o homem é um ser mais inconstante, insatisfeito e inseguro que qualquer outro; continuamos sendo finitos, não suportamos nossa limitação, nossa falta de sentido no mundo e não aceitamos nossa dependência à natureza. O homem é considerado o único ser que conseguiu se tornar consciente de si mesmo, o único que saiu de si e se reconheceu como parte de um grupo de semelhantes, a humanidade. Porém, ao tomar alguma consciência de sua própria existência, deparou-se o homem com a amarga realidade da sua finitude e essa constatação torna-se, posteriormente, a pergunta pelo sentido da vida. Acerca disso, encontramos pensamentos importantes nas filosofias de Nietzsche e Feuerbach. Mesmo com a ciência da dificuldade de uma aproximação e levando em conta todas as diferenças e perspectivas adotadas por ambos, ainda é válido perguntar até que ponto podemos traçar um paralelo entre a filosofia dos dois autores.

Segundo o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), esse sentimento de finitude, ou o sentimento de ausência de sentido na vida, eventualmente, se transformarão em uma “doença do espírito”

[...]o homem, o *animal* homem, não teve até agora sentido algum. Sua existência sobre a terra não possuía finalidade; “para que o homem?” - era uma pergunta sem resposta; faltava a *vontade* de homem e de terra; por trás de cada grande destino humano soava, como um refrão, um ainda maior “Em vão!” [...] algo *faltava*, [...] uma monstruosa *lacuna* circundava o homem - ele não sabia justificar, explicar, afirmar a si mesmo, ele sofria o problema do seu sentido. Ele sofria também de outras coisas, era sobretudo um animal doente [...]. (NIETZSCHE, F., 2015, p.139).

Para Nietzsche, pensar e viver uma vida sem sentido seria uma tarefa quase impossível para o homem, que “preferirá ainda querer o nada a nada

querer” (NIETZSCHE, 2015, p. 80); as “lacunas” devem ser preenchidas e algum ser superior deverá existir para dar sentido à vida.

Para Ludwig Feuerbach (1804-1872), quando o homem começa a tomar consciência de si e da sua própria finitude, começa também a pensar em possíveis formas de existência superiores, infinitas e ilimitadas. Segundo o filósofo, essas formas de vida são, na realidade, a própria noção de gênero humano<sup>2</sup> que o homem projeta para fora de si e, inconscientemente, chama de *Deus*. Deus é, portanto, a consciência indireta de si no homem e é justamente esse sentimento de dependência ou – em termos nietzschianos – essa “doença”, a condição *sine qua non*, o principal fator para a criação da religião.

Sentimento de dependência e de finitude são então o mesmo sentimento. Mas o sentimento de finitude mais delicado, mais doloroso para o homem, é o sentimento ou a consciência de que ele um dia certamente acaba, de que ele morre. Se o homem não morresse, se vivesse eternamente, não existiria religião (FEUERBACH, L., 2009<sup>1</sup>, p. 46)

Segundo o filósofo, a gênese do fenômeno religioso está na dependência da natureza, “é a natureza o primeiro objeto da religião” (FEUERBACH, 2009<sup>1</sup>, p.38); o homem se vê limitado, mortal e totalmente dependente de forças exteriores para sua sobrevivência, a partir disso projeta na natureza (de forma inconsciente) toda sua lógica, forma de pensar e agir. O movimento de projeção faz com que o homem veja a natureza como vê a si próprio – como um ser de vontades – que agirá a partir de uma lógica puramente humana, porém de forma mais poderosa, potente e mais intensa; ou seja, como um deus. Diante dessa impotência, podemos considerar que a deificação da natureza se dá a partir do

[...]sentimento de dependência, o sentimento ou consciência que o homem tem de não existir nem poder existir sem um ente distinto de si e, portanto, de não dever a si mesmo sua própria existência. (FEUERBACH, L. 2009<sup>1</sup>, p.24)

---

<sup>2</sup> Para Feuerbach, o gênero humano é formado por uma “trindade” fundamental: a razão, a vontade e a sensibilidade; “Razão, amor e vontade são perfeições, são os mais altos poderes, são a essência absoluta do homem enquanto homem e a finalidade de sua existência” (2009<sup>1</sup>, p. 36). Por um desconhecimento completo de si, o homem acaba por projetar suas próprias características e a adorá-las em outro ser.

A religião é, portanto, a primeira forma de manifestação da consciência humana, onde o homem adora sua própria imagem refletida na natureza. Os dois filósofos acreditam que a religião vai tornando-se mais “sagrada” com o passar do tempo. Em *Aurora* (1887), Nietzsche afirma que existem algumas manifestações humanas (e podemos, sem dúvida, considerar a religião inserida nesse contexto) que ganham uma “racionalidade *a posteriori*” na medida em que “todas as coisas que vivem muito tempo embebem-se gradativamente de razão a tal ponto que sua origem na desrazão torna-se improvável” (NIETZSCHE, 2008, p. 15). Nesse sentido, Feuerbach também afirma que sua visão acerca da religião é crítica, pois devemos perceber que o fenômeno religioso parte de um mesmo princípio e o conserva, tornando as religiões críticas em relação às outras, mas mantendo sempre a mesma essência. Feuerbach afirma:

A nossa relação com a religião não é, portanto, somente negativa, e sim crítica [...]. A religião é a primeira consciência de si mesmo do homem. As religiões são sagradas exatamente porque são as tradições da primeira consciência. (FEUERBACH, L., 2009<sup>1</sup>, p. 267)

O sentimento religioso (ou a criação de um deus) será uma forma que, à primeira vista, se mostrará mais “eficaz” para se entender algumas questões fundamentais postas pelo homem. Na religião, o homem se colocará fora de si, ultrapassará os limites naturais e criará um deus que será capaz de estar acima da natureza, suprimindo as necessidades e desejos humanos. A partir daí Feuerbach afirmará uma de suas mais conhecidas máximas: “teologia é antropologia” (FEUERBACH, 2009<sup>1</sup>, p. 29).

Nesse sentido, os filósofos concordam: há uma falta de sentido, uma brecha a ser preenchida; há realmente uma “doença no espírito” e a partir do ideal religioso, que na visão de Feuerbach é auto causada por conta de um engano: se o homem entendesse seus limites e os da natureza, não necessitaria de religião que, por sua vez, aparece e é alimentada como a cura de uma doença advinda de uma falta de consciência, ou de uma consciência ainda pouco desenvolvida, daí Feuerbach afirmar que a religião é a primeira consciência ou a essência infantil da humanidade (FEUERBACH, 2009<sup>1</sup>, p. 45).

Para Nietzsche a tal *doença* é recorrente à maioria dos homens. Em *Genealogia da Moral* (1887), Nietzsche nos explica que mesmo sendo o sentimento de finitude comum a todos, alguns foram privilegiados a ponto de serem considerados “bons”. Essa ideia de *bom* e *mau* está ligada a uma condição histórica que enalteceu os mais abastados como sendo os fortes, os bons enquanto que, em oposição, cabe tudo o que é doente – mau, fraco – à plebe, aos

menos favorecidos. Juntamente aos bons estão os sacerdotes que, para Nietzsche são “os mais terríveis inimigos – por quê? Porque são os mais impotentes. Na sua impotência, o ódio toma proporções monstruosas e sinistras, torna-se a coisa mais espiritual e venenosa. ” (NIETZSCHE, 2015, p.23). Os *fortes* são aqueles que escapam à regra da enfermidade, sendo assim, são mais virtuosos, suas conquistas são mais vastas e grandiosas, por isso são mais poderosos. A partir da condição que é empurrada ao “fraco” como a de um ser concupiscente, mau, etc., torna-se ele obrigado a ser subjugado ao mais poderoso, que o usará como meio de chegar aos seus objetivos. A partir dessa dominação, o mais fraco, naturalmente, passa a se sentir vítima do mais forte e nutrirá uma intensa vontade de vingança, um ressentimento. Nietzsche afirma:

Aqueles já de início desgraçados, vencidos, destroçados – são eles, são os *mais fracos*, os que mais corroem a vida entre os homens, os que mais perigosamente envenenam e questionam nossa confiança na vida, no homem, em nós. (NIETZSCHE, F., 2015, p.103).

O ressentimento é o ponto de partida fundamental para a mudança de valores. Nietzsche aponta que ocorre um processo de “inversão moral” há mais de dois mil anos, desencadeada pelos judeus e enraizada em toda a cultura humana. “Um tal monstruoso modo de valorar não se acha inscrito como exceção e curiosidade na história do homem: é um dos fatos mais difundidos e duradouros que existem” (NIETZSCHE, 2015, p. 98). Essa *tresvaloração* foi um contra-ataque ao papel que os mais nobres imputavam aos menos favorecidos. Para Nietzsche,

Os judeus, aquele povo de sacerdotes que soube desforrar-se de seus inimigos e conquistadores apenas através de uma radical tresvaloração dos valores deles [...]. Foram os judeus que, com apavorante coerência, ousaram inverter a equação de valores aristocrática (bom=nobre=poderoso=belo=feliz=caro aos deuses), e com unhas e dentes (os dentes do ódio mais fundo, o ódio impotente) se apegaram a esta inversão, a saber, “os miseráveis somente são bons, necessitados, feios, doentes são os únicos beatos, os únicos abençoados, unicamente para eles há bem-aventurança – mas vocês, nobres e poderosos, vocês serão por toda eternidade os maus, os cruéis, os lascivos, os insaciáveis, os ímpios, serão também eternamente os desventurados, malditos e danados!...”

Sabe-se *quem* colheu a herança dessa tresvaloração judaica...  
(NIETZSCHE, F. 2015, p.23)

## 2. O ideal ascético-teológico

A inversão da moral tratada por Nietzsche é então uma inversão de cunho religioso<sup>3</sup>. Na perspectiva do judaísmo, toda a miséria se transformará em virtude, será sinônimo de bondade, justiça, humildade, ao passo que quem originalmente era virtuoso passa a ser visto como o “mal”, o explorador do “bom”, o ditador, etc. Sempre a figura do humilde, do frágil, estará relacionada ao bem; sempre o humilde sofre, e o único e exclusivo responsável por isso é o “mal”, o que detém algum tipo de poder.

Eles agora monopolizam inteiramente a virtude, esse fracos e doentes sem cura, quanto a isso não há duvida: “nós somente somos os bons, os justos”, dizem eles, “nós somente somos os *homines bonae voluntatis* [homens de boa vontade]. Eles rondam entre nós como censuras vivas, como advertências dirigidas a nós – como se saúde, boa constituição, força, orgulho, sentimento de força fossem em si coisas viciosas, as quais um dia se deve pagar, e pagar amargamente: oh, como eles mesmos estão no fundo dispostos a fazer pagar, como anseiam ser carrascos! ”. (NIETZSCHE, F., 2015, p.104).

Nietzsche observa que o próprio Jesus Cristo aparece como a personificação do ideal judeu, mas de forma renovada. A história cristã é uma história de sofrimento, penitencia, injustiça e violência por parte dos mais poderosos contra os mais “simples”, “mais humildes”, os “melhores espíritos”. Para o autor, a figura de Cristo carrega em si bem mais que a compaixão, o amor, etc.; pelo contrário, ela carrega uma história de vingança, uma lenta – mas profunda – inserção do ideal de inversão, ou nas palavras do próprio autor, uma “isca”:

E porventura seria possível, usando-se todo o refinamento do espírito, conceber uma isca *mais perigosa*? Algo que em força atrativa, inebriante, estonteante, corruptora, igualasse aquele

---

<sup>3</sup>É certo que Nietzsche afirma em outros textos que, durante anos, os próprios filósofos defenderam pontos de vista que desencadearam na “inversão da moral nietzschiana”, mas para fins do nosso estudo, essa questão não possui grande relevância.

símbolo da “cruz sagrada”, aquele aterrador paradoxo de um “Deus na cruz”, aquele mistério de um inimaginável, última, extrema crueldade e autocrucificação de Deus *para salvação do homem?*...(NIETZSCHE, F., 2015, p. 24-25)

A morte de um deus que se torna humano em compaixão aos homens e é morto pelos mais poderosos reflete a consagração de uma nova ideia de moral que, por certo, consegue tirar de si a força opressora dos “senhores”, mas busca seus novos princípios não no homem, mas no que está fora dele. Dessa forma, a moral do homem comum, do *rebanho*, elege como seu ideal uma figura que não se reporta para o homem, para o *eu*, mas para o outro, para o *não-eu*...

Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” – e *este* Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores – este *necessário* dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior [...] (NIETZSCHE, F., 2015, p. 26)

Feuerbach precede Nietzsche com um pensamento semelhante. O filósofo percebe que ainda que haja um sentimento que se torna criador da religião, existe um momento em que esse sentimento torna-se reflexão; o pensamento individual<sup>4</sup> é abstraído e torna-se um pensamento generalizado, aqui o que era apenas um “sentimento religioso” transforma-se em “pensamento reflexivo”, ou seja, a religião mais simples torna-se *teologia*. Nosso objeto de estudo passa a ser a teologia cristã, pois a partir daqui teremos uma profunda inversão na relação Homem-Deus: se antes o homem fazia um reflexo de si no ato da criação divina – criando um novo ser completo, mas sem nenhuma corporeidade – agora é Deus que faz o homem à sua imagem e semelhança. “Primeiramente o homem cria Deus, sem saber e querer, conforme sua imagem e só depois este Deus cria o homem, sabendo e querendo, conforme a sua imagem”. (FEUERBACH, 2009, p.134); porém, toda imperfeição humana torna-se aqui evidente em detrimento da perfeição divina. O homem passa a ser mau, em detrimento ao seu bom Deus, passa a ser injusto em detrimento ao seu deus justo, etc.

---

<sup>4</sup> Na visão de Feuerbach a religião possui uma via dupla: por um lado, existe um sentimento religioso que é individual e específico (presente na maior parte das religiões mais antigas e esse é o porquê da existência de vários deuses); por outro lado, há uma reflexão acerca desse pensamento, que abstrai as diferenças da espécie e prevê um pensamento Uno, que se pauta no gênero humano (daí a teologia cristã adotar apenas um deus universal).

Deus é o ser infinito; o homem o finito; deus é perfeito; o homem imperfeito; deus é eterno; o homem transitório; deus é plenipotente; o homem impotente; deus é santo; o homem pecador; deus e homem são extremos: deus é o unicamente positivo, cerne de todas as realidades; o homem é o unicamente negativo, o cerne de todas as nulidades. (FEUERBACH, 2009, p.63)

Levando em conta todas as diferenças fundamentais entre os dois autores, podemos pensar que a maioria das religiões anteriores ao judaísmo emanavam da nobreza que, por sua vez, possuía grande apoio sacerdotal (e inclusive também a dominava). É possível ter em vista diversos exemplos gregos e egípcios, onde os deuses se reportavam e protegiam os nobres (como na *Ilíada* de Homero, onde vemos o embate entre o príncipe Heitor e o semideus Aquiles); ou os próprios nobres eram os representantes dos deuses na Terra (como no caso dos faraós). Numa perspectiva feuerbachiana, ainda temos nessas religiões um ideal (não consciente) de homem mais próximo de – ou até sendo – Deus. Com a tresvaloração e a nova “moral de rebanho” abordada por Nietzsche, o homem deixa de ser igual a seu deus e passa a ser seu contrário, à medida em que seus próprios valores também se alteram. A partir do momento em que o que é considerado “bom” não é mais o mesmo que é considerado “nobre”, o homem passa a adotar um ideal contrário: o de humildade, infelicidade e fraqueza e entra em contraste com seu Deus, que possui toda a perfeição. Em outras palavras: quando os ideais nobres são abominados, o homem se empobrece; e quanto mais pobre o homem, mais rico seu deus. “Para enriquecer Deus deve o homem se tornar pobre para que Deus seja tudo e o homem nada.” (FEURBACH, 2009, p.55).

O que poderíamos entender em Feuerbach como “teologia”, personifica-se em Nietzsche com a figura do sacerdote asceta, uma figura que reflete todo o ideal em questão: o *ideal ascético*. Para o ideal teológico (na visão de Feuerbach) e ascético (na visão de Nietzsche), toda a valorização da vida não se encontra na vida mesma (isto é, na relação com o outro, na natureza, na transitoriedade), mas ao contrário, em uma outra existência, a qual exclui a realidade sensível, que se torna apenas uma ponte para uma vida eterna e livre dos limites impostos pela natureza. O “ideal ascético-teológico” é por isso uma negação à existência material e se figura como um “remédio”, com a falsa intensão de cura, porém,

[...] não é preciso dizer que afinal demonstrou ser mil vezes mais perigoso, em seus efeitos ulteriores, do que a doença que deveria curar? A própria humanidade sofre ainda os efeitos dessas veleidades de cura sacerdotais! Lembremos, por exemplo, certas formas de dieta, o jejum, a continência sexual, [...] a isso junte-se a metafísica antissensualista dos sacerdotes, apta a fabricar indolentes e refinados [...] (NIETZSCHE, F., 2015, p.22)

Temos, portanto, que o ideal ascético surge a partir de uma necessidade de lidar e se desvencilhar do sentimento de finitude; “[...] o ideal ascético é um artifício para a *preservação da vida*. ” (NIETZSCHE, 2015, p. 101) e encontra na figura do sacerdote a sua realização máxima. “O sacerdote ascético é a encarnação do desejo de ser outro, de ser-estar em outro lugar [...]” (NIETZSCHE, 2015, p. 102) e, por isso, torna-se um pastor, um verdadeiro mentor de um rebanho de doentes de espírito (apesar dele mesmo ser um doente); ou seja, um líder,

A ele devemos considerar o salvador, pastor e defensor predestinado do rebanho doente: somente então entenderemos a sua tremenda missão histórica. A dominação sobre os que sofrem é o seu reino, para ela dirige seu instinto, nela encontra ele sua arte mais própria, sua maestria, sua espécie de felicidade. (NIETZSCHE F., 2012, p.106)

Em termos feuerbachianos, a religião vem no intuito de um novo entendimento sobre a vida, mas é com a teologia cristã que esse entendimento torna-se uma negação da vida, é aqui que o lugar em que veremos uma defesa a uma vida celestial em oposição a uma vida terrena; uma vida assexuada infinita e perfeita em oposição a uma vida de pecados.

A partir da inversão de valores trazidas pelo ideal ascético, é papel do sacerdote propagar o ressentimento e, ao mesmo tempo em que mantém os doentes no mesmo estado de negação da vida, propaga um tipo de pensamento que atinge os *sãos* na medida em que torna vergonhosa a sua própria sorte e felicidade. Assim o sacerdote consegue juntar o maior número de “cordeiros em seu rebanho”, e cura-los, pois, seu papel é tido como de alguém que cura as chagas do espírito: “Ele traz unguento e balsamo, sem dúvida; mas necessita

primeiro ferir, para ser medico; e quando acalma a dor que a ferida produz, *envenena no mesmo ato a ferida [...]*" (NIETZSCHE, 2015, p.107).

Segundo Nietzsche, o verdadeiro papel do sacerdote não é o de curar (pois como visto ele não cura), o motivo da existência desse pastor é transformar a raiva do ressentimento em culpa, pecado, mansidão, transformando, por fim, os enfermos em seus dependentes e, dessa forma, transformando ódio em subserviência. O sacerdote asceta é o responsável pelo que Nietzsche chama de "mudança na direção do ressentimento". Como foi dito, todos sofremos por algo que não conseguimos explicar, Feuerbach afirmará que o sentimento de dependência (a partir do qual teremos medo, gratidão ou revolta com algo exterior a nós) é fundamental para a criação da religião, é uma exteriorização da própria humanidade que se volta para si. O homem inconscientemente projeta a si e adora a si mesmo em outro; dessa maneira, o sentimento religioso é algo praticamente instintivo. A problemática vista por Feuerbach (assim como vemos semelhantemente em Nietzsche) é, como foi dito, quando esse sentimento se transforma em teologia. A inversão teológica negará a vida e a própria corporeidade; tudo o que é humano e não foi projetado em deus será um motivo para que se negue a própria essência – a própria humanidade – em vistas a esse ideal – que não é mais do que um impulso da imaginação humana – Deus. Consequentemente, será uma pretensão ideal do religioso, tornar-se esse deus, mas para que isso se realize é necessário que se negue a materialidade, a corporeidade, o próprio mundo, a própria natureza. É interessante que notemos Nietzsche, que afirmará que o verdadeiro papel do sacerdote é o de internalizar a culpa no próprio doente, ou seja, o doente passa culpado por sua própria doença; de acordo com o ideal, esse problema da finitude não existe naturalmente, ele existe através da própria imperfeição, da própria maldade e injustiça humana (como no caso do pecado original, por exemplo). A culpa cristã será tratada por Nietzsche como uma das piores heranças deixadas pelo ideal religioso.

Passa-se, pois, no pensamento cristão, a abominar tudo que há de carnal, material e natural; há aqui um ideal de negação da natureza com a de primazia de um novo plano existencial: um paraíso que se afasta da vida limitada e sem sentido, um lugar perfeito que entra em estreita contradição com a imperfeição do nosso mundo,

A salvação da alma é a ideia fundamental, a questão principal do cristianismo, mas esta salvação só está em deus, só na concentração nele [...]. Mas deus é a subjetividade absoluta, a subjetividade divorciada do mundo [...], libertada da matéria

[...]. A separação do mundo, da matéria, é portanto a meta essencial do cristão. E esta meta se concretizou de modo sensorial na vida monástica. (FEUERBACH, L. 2009<sup>1</sup> p. 172)

Nesse sentido, Nietzsche e Feuerbach vão pela mesma via ao afirmar que o ideal religioso pregará uma negação humana ao próprio corpo. Em uma palavra: “do céu está excluído o princípio do amor sexual como um princípio terreo, mundano. Mas a vida celestial é a vida verdadeira, perfeita e eterna do cristão” (FEUERBACH, 2009, p. 175). Feuerbach afirmará que:

A vida monástica e ascética em geral é a vida celestial da maneira em que ela pode se manter e se conservar aqui. Se a minha alma pertence ao céu, sim, por que devo, como posso eu pertencer à terra com o corpo? (FEUERBACH, L. 2009, p.173)

Já em Nietzsche, é papel do sacerdote, difundir o “ideal ascético”, uma espécie de santificação que tem como consequência a ideia de pecado e a introdução da ideia de “culpa”. O ideal ascético transforma aquele ressentimento – que fora interiorizado pelo mais fraco em relação ao nobre – em culpa, tem-se a ideia de que a culpa da miséria é um reflexo das próprias ações dos miseráveis e não mais causada por um fator exterior. Existe uma culpa subjetiva; a injustiça, a maldade, a inveja, a gula, a cobiça, o sexo, o desejo carnal; tudo isso contribui para alargar a ferida. A partir daí não se precisa mais da figura de um “vigia”, de um “guarda”, “do outro”: o próprio homem deve adotar uma ética que o faça ser responsável por se regular e privar-se de si mesmo afim de atingir a redenção divina e diminuir a dor. A ideia de se equiparar à figura Cristo, por exemplo, é um reflexo do ideal ascético. Jesus era um homem, porém, nunca cometeu “o pecado da carne”, não promoveu a ira, mas a bondade (pelo menos a bondade no sentido cristão), a humildade, a mesura, etc. Como modelo ideal, qualquer um pode – e deve – agir como esse homem e se não conseguir deve pagar o preço de seu fracasso. Com isso, o sacerdote consegue transformar o ressentido raivoso em um ressentido entorpecido, pois o próprio doente se regulará, buscará um certo tipo de “satisfação”, negará a si próprio.

## 2. Uma filosofia para o futuro

Nietzsche e Feuerbach se colocarão em radical oposição ao *ideal ascético-teológico*, a filosofia dos autores propõe acima de tudo, uma valorização da vida,

do *outro* e da natureza. Feuerbach aponta que somente através da negação da religião o homem poderá se conectar de forma mais satisfatória com o *outro*, estabelecendo assim uma nova comunidade que preze pela valorização da própria comunidade, em harmonia com a natureza.

A nova filosofia faz do homem, com a inclusão da natureza, enquanto base do homem, o objeto único, universal e supremo da filosofia - faz, pois, da antropologia, com inclusão da fisiologia, a ciência universal. (FEUERBACH, L., s.d, p.97)

Para ele, a filosofia deve tomar um novo papel que a faça descer do plano celestial e se pautar na própria materialidade, na própria sensibilidade. A nova filosofia deve ter o papel de

[...] reconduzir a filosofia do reino das “almas penadas” para o reino das almas encarnadas, das almas vivas; de a fazer descer da beatitude de um pensamento divino e sem necessidades para a miséria humana. Para esse fim de nada mais precisa do que de um entendimento humano e de uma linguagem humana. (FEUERBACH, L., s.d, p.38)

Nietzsche admite que, de certa forma, o ideal ascético conseguiu preencher a lacuna da falta de sentido humano. O cristianismo, sobretudo, foi uma das religiões que mais conseguiu lidar com o desespero humano da falta e da dependência.

Nele o sofrimento era *interpretado*; a monstruosa lacuna parecia preenchida; a porta se fechava para todo o niilismo suicida. A interpretação - não há dúvida - trouxe consigo novo sofrimento [...]. Mas apesar de tudo - o homem estava *salvo*, ele possuía um *sentido*, a partir de então não era mais uma folha ao vento, um brinquedo do absurdo, do sem-sentido, ele podia *querer* algo (NIETZSCHE, F., 2015, p. 139)

Porém, deve-se agora negar esse ideal e a filosofia do futuro deve trazer uma nova visão que seja condizente ao homem do futuro. Acerca disso, Nietzsche não defende uma proposta sistemática ou um novo projeto filosófico,

seu papel é o de desconstruir os edifícios filosóficos que aprisionaram ao mesmo tempo em que promove uma busca pelo *espírito livre*, para a nova filosofia:

[...] para onde apontaremos *nós* as nossas esperanças? – Para *novos filósofos*, não há escolha; para os espíritos fortes e originais o bastante para estimular valorizações opostas e tresvalorar e transtornar “valores eternos”, para precursores e arautos, para homens do futuro que atem no presente o nó, a coação que impõe caminhos *novos* à vontade de milênios (NIETZSCHE, F., 1999, p. 103)

É interessante notar que, dessa forma, Nietzsche e Feuerbach negam a ideia “natureza pecaminosa e concupiscente do homem”, afirmam que esse ideal é uma construção, “[...] “a natureza pecaminosa” do homem não é um fato, mas apenas uma interpretação de um fato [...] vista sob uma perspectiva moral- religiosa que para nós nada mais tem de imperativo” (NIETZSCHE, 2015, p.110). Portanto, podemos notar que Feuerbach, por uma via psicológica, critica toda a base da religião e chega à uma crítica a toda negação da natureza e do homem promovida pelo cristianismo. Já Nietzsche, trata do aspecto moral, uma consequência de tais negações afirmadas pelo pensamento cristão e religioso em geral. Podemos afirmar que ambos os autores tinham em mente um “resgate” ao homem da nebulosidade religiosa. Feuerbach de um lado, promove uma filosofia que procura “tornar os homens [...] de candidatos do além, estudantes do aquém” (2009, p.36). Pelo mesmo caminho, a tarefa de Nietzsche é a de

Preparar para a humanidade um instante de suprema tomada de consciência, um grande meio-dia em que ela olhe para trás e para adiante, em que ela escape ao domínio do acaso e do sacerdote [...], essa tarefa resulta necessariamente da compreensão de que a humanidade não segue por si o caminho reto, que não é regida divinamente, que na verdade sob suas mais sagradas noções de valor, foi o instinto de negação de denegação [...] que governou sedutoramente [...]. A perda do centro de gravidade, a resistência aos instintos naturais, em uma palavra, a “ausência de si” – a isto se chamou moral até agora... (NIETZSCHE, F. 2013, p.76)

## **BIBLIOGRAFIA**

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Tradução de José da Silva Brandão; Rio de Janeiro: vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Preleções sobre a essência da religião**. Tradução de José da Silva Brandão; Rio de Janeiro: vozes, 2009<sup>1</sup>.

\_\_\_\_\_. **Princípios da filosofia do futuro**. Tradução de Artur Mourão; Lisboa: edições 70, s.d.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro** (Trad. Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é**. (trad. Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2013

\_\_\_\_\_. **Genealogia da moral: uma polêmica**. (trad. Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2015